

A “ComVivência Pedagógica” para a formação de educadores ambientais no Caminho de Santiago

Granier, Noeli Borek, noelibgr@gmail.com, UFRRJ - BR
Guimarães, Mauro, guimamauro@hotmail.com, UFRRJ - BR
Klein, Angela, angelaklain@yahoo.com.br, PPGE / UFPR - BR

A experiência que relatamos insere-se na proposta formativa da “ComVivência Pedagógica” em desenvolvimento para a formação de educadores ambientais. Confluem nesta investigação pesquisas de doutorado e mestrado, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade- GEPEADS, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, assim como uma pesquisadora em educação ambiental da Universidade Federal do Paraná.

A “ComVivência Pedagógica” é uma proposta teórico metodológica, na qual o ambiente educativo se constrói na convivência entre educadores ambientais em formação, em uma práxis pedagógica. Propõe-se, pela radicalidade imersiva em experiências vivenciais de outros referenciais epistemológicos e modos de vida, o exercício da dialogicidade de novas relações conectivas com o outro, com o mundo. (GUIMARÃES e GRANIER, 2017, p. 1576-77). Pela importância nesta proposta, especial atenção é dada ao ambiente educativo. Sua escolha se orienta pela potencialidade que as características do contexto oferecem, no sentido de oportunizar ao sujeito em formação experiências vivenciais radicais, como choque de realidade, que contribuam para o rompimento da “armadilha paradigmática”¹ (GUIMARÃES, 2011), imposta pela perspectiva hegemônica. Consideramos que a vivência desta radicalidade é essencial à formação do educador ambiental que se quer transformado e transformador, visto a gravidade e urgência da crise socioambiental, que tem nas mudanças climáticas sua maior expressão.

Esta proposta vivencial coaduna com a perspectiva significativa de “experiência” em Larossa. Para ele, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p. 23). Envolve corpo, mente e sentidos, requerendo a suspensão do automatismo da ação.

Neste sentido, as possibilidades pedagógicas de ambientes educativos para a realização da “ComVivência Pedagógica” estão no cerne de nossas investigações e, em seus desdobramentos, a consolidação de Princípios Formativos em desenvolvimento.

Descrição da experiência

As vivências anteriores aconteceram no Brasil, em aldeias indígenas e outros contextos diversos do modo de vida da modernidade, onde há uma centralidade na relação dialógica entre esses modos de vida e a natureza, considerados formativos de acordo com a proposta da “ComVivência Pedagógica”.

O Caminho de Santiago, identificado como potencialmente condizente, foi o ambiente educativo para essa experiência, realizada de 19 a 26/09/2019 de Sarria até Santiago de Compostela. Participaram Mauro Guimarães (UFRRJ), Luciana Guimarães (Fundação Osório), Noeli Borek Granier (UFRRJ), Angela Klein (UFPR), o primeiro em estância de pós-doutorado e as duas últimas de “doutorado sanduíche” na Universidade de Santiago de Compostela (USC), naquele momento.

Observamos em experiências anteriores que uma etapa preparatória à imersão é essencial na abordagem da “ComVivência Pedagógica”, pois é o momento oportuno para discussões e dinâmicas de alinhamento do coletivo e à radicalidade da vivência. Essa preparação iniciou-se

¹ Guimarães (2004, p. 124) alerta que a compreensão de mundo moldada pela racionalidade hegemônica se efetiva pela consolidação de sua lógica como “caminho único” a ser seguido.

em Santiago de Compostela, com a visualização e debate de vídeos para Reflexão Crítica sobre a crise civilizatória, dinâmicas de grupo e vivência da Postura Conectiva. A formação completa realizou-se em nove encontros presenciais e à distância, anteriores e posteriores a realização do Caminho de Santiago, com a participação de oito educadores (quatro à distância no Brasil) e apoio da USC.

No Caminho tivemos a oportunidade de vivenciar os cinco Princípios Formativos da proposta, pelas dinâmicas intencionais e interação com elementos presentes no espaço. O espaço-tempo, ajustado às metas de caminhantes e à um “caminhar” interno, oportunizou-nos experienciar uma ruptura com o tempo hegemônico da modernidade. A prática de silenciar a mente, abrindo espaço para a escuta e a observação, gerou a experiência (LAROSSA, 2002) de serenidade e clareza mental, potenciais antídotos para a hiperatividade do mundo moderno.

Caminhar entre bosques, hortas, pomares e campos faz emergir o sentimento de pertencimento à um todo maior e a convivência com as grandes árvores das belas florestas locais, o vínculo do admirar-se, pouco lembrado pela sociedade moderna, da vital dependência dos humanos com estes seres. Sua imponente beleza desperta sentidos de sacralidade, acentuando a conectividade espiritualizada que permeia o Caminho. Assim como vivenciar os cinco sentidos simultaneamente proporciona uma conexão sensorial mais direta com o entorno, um olhar sensível sobre nossa condição de ser natural, o sentido de responsabilidade e respeito para com as diferentes formas de vida.

O cotidiano do caminhante é de simplicidade: poucos pertences, compartilhar tempo, espaço e alimento com quem encontra, observar e conectar consigo e com o entorno, superar limites, sem promessa de recompensa material. São elementos pouco valorizados pela lógica hegemônica, mas que muito contribuem para reflexões sobre a constituição da crise civilizatória atual.

Conclusões

Revelou-se grande pedagogicidade nesta abordagem, subsidiando o desenvolvimento dos cinco Princípios Formativos da proposta. Complementares e inter-relacionados, os Princípios Formativos em construção demonstram-se provocadores da dinâmica formativa, desencadeando reações nos educadores em formação. É na vivência individual e coletiva destas reações, que se encontram a sua pedagogicidade e potencial formativo.

O Princípio Formativo da “Reflexão Crítica” atua como provocador de uma postura problematizadora e complexa sobre a realidade da crise socioambiental, que desencadeia sentimentos de inquietude pela “Desestabilização Criativa” se colocando proativo ao novo. A “Indignação Ética” provoca o sentir-se concernente ao que passa no mundo, o que emerge o sentimento de pertencimento por uma “Postura Conectiva”, promovendo o envolvimento e a mobilização pela “Intencionalidade Transformadora”.

A vivência significativa dessas experiências estimula à maior conectividade consigo e com o todo, no sentido de despertar senso de responsabilidade e vínculos coletivos, mobilizando os Educadores para uma práxis transformada e transformadora.

Referências

Guimarães, M. (2011). *A formação de educadores ambientais*. (8). Campinas, Brasil: Papyrus

Guimarães, M. & Granier, N.B. (2017). Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. *Revista Diálogo Educacional*, 17(55), pp. 1574-1597. doi:

<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.17.055.DS06>

Larossa, J.B. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, pp. 20-28. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>